



Aliás, Antropologia



FOTOS: EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO/EDIÇÕES SESC

Povo alegre. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castros definiu os arawetéts como divertidos e sempre dispostos ao diálogo com o antípoda

CORES DA ALMA ARAWETÉ

Sérgio Medeiros *

Na carta que enviou à Funai, anos atrás, protestando contra a atuação de missionários na aldeia dos arawetéts, Eduardo Viveiros de Castro afirmou: “A cultura araweté é íntegra, forte, alegre, original e imaginativa.” O autor da carta, que é um dos maiores antropólogos do País, ainda escreveu que os índios não precisavam de consolo espiritual, o qual na verdade procurava apenas “desindianizá-los”, a fim de transformá-los em bons cristãos e cidadãos.

Essa carta consta do livro *Araweté: Um Povo Tupi da Amazônia*, que sai agora em terceira edição revista e ampliada (a edição original é de 1992), com dois novos artigos, assinados por Camila de Caux e Guilherme Orlandi Heurich,

Dois livros do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, estudos incontornáveis sobre a cultura dos índios brasileiros, são relançados

orientandos de Viveiros de Castro que realizaram pesquisa recente entre esse povo tupi que habita o estado do Pará. Nos anos 1980, Viveiros de Castro visitou pela primeira vez os arawetéts (na época, havia apenas uma aldeia com 200 moradores; hoje, ao menos sete são conhecidas), os quais haviam feito os primeiros contatos com o homem branco em meados da década anterior. As estadias do antropólogo na aldeia deram origem a um ensaio primoroso sobre a organização social e cultural dos arawetéts, um povo de agricultores e caçadores. Escrito numa linguagem clara e fluente, o livro está fartamente ilustrado com fotos que registram três décadas da vida da tribo; pode-se afirmar que a presente edição é a melhor e a mais bela de todas.

Quem leu o livro anterior de Viveiros de Cas-



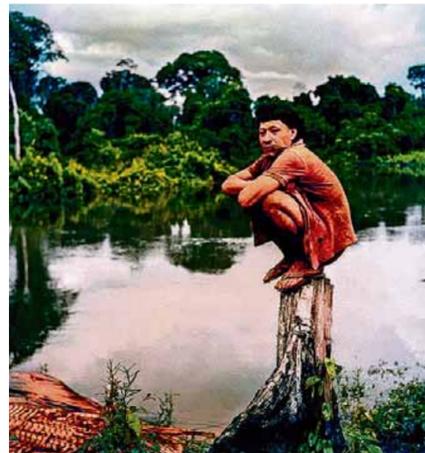
ARAWETÉ, UM POVO TUPI DA AMAZÔNIA

AUTOR:
EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO
EDITOR:
EDIÇÕES SESC
228 PÁGINAS
R\$ 70



A INCONSTÂNCIA DA ALMA SELVAGEM

AUTOR: EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO
EDITOR: UBU
480 PÁGINAS
R\$ 72



Autônomo. O desejo individual é respeitado

NOS BANCOS INDÍGENAS, TRAÇOS DE VANGUARDA

Antonio Gonçalves Filho

Paralelamente aos lançamentos dos livros do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, chega às livrarias um luxuoso volume dedicado à arte dos índios de diversas regiões da Amazônia, Pará e Guianas, *Bancos Indígenas do Brasil*, da editora Bei, que reúne uma amostra de sua coleção com mais de 200 bancos de madeira, alguns zoomórficos, outros decorados com grafismos ou entalhes. O livro reproduz 162 bancos de 32 artistas pertencentes a 26 etnias, entre elas os mehinakus, os calapalos e tapirapés.

Essa riqueza pluriétnica e multicultural é destacada pelo pintor paulistano Sérgio Fingermann num dos textos do livro, que conta também com uma pequena análise sobre a forma e função desses objetos pela designer Claudia Moreira Salles. A curadora e crítica de design Giovanna Massoni traça uma correspondência analógica entre esses objetos rituais de povos ancestrais e as peças dos pioneiros do design contemporâneo. Finalmente, a arqueóloga Cristina Barreto, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, conta a origem do mito da criação do universo ligado à entrega de um banco celestial aos ancestrais dos atuais tucanos.

A coleção de bancos indígenas da editora Bei,

comandada por Marisa Moreira Salles e Tomas Alvim, já tem 15 anos. Agrupa desde os exemplares mais simples, concebidos por povos que só eventualmente se dedicam à produção de bancos, como os sateré-mawés, do sul da Amazônia, até os “xepi” (bancos zoomórficos) dos mehinakus, do Parque Indígena do Xingu, hoje divididos entre duas aldeias. Há bancos esculpidos pelos mehinakus que rivalizam em beleza e sofisticação com as esculturas modernas de Brancusi e Picasso.

A questão da autoria, ainda que seja de origem

burguesa, uma ideia consagrada no século 19, não é totalmente estranha aos povos indígenas, segundo o livro. A maior parte dos bancos, observa a designer Claudia Moreira Salles, é zoomórfica, carregando cada animal a sua simbologia. Para os índios, conclui ela, “sentar em bancos é, quase sempre, uma prerrogativa masculina e seu uso indica a hierarquia entre os indivíduos”. Os assentos não têm encosto e os bancos são baixos, acompanhando a curvatura do corpo. Eles desempenham um papel essencial nos rituais de transfor-

tro, o intenso e intrincado *Metafísicas Camibais* (Cosac Naify), publicado em 2015, talvez se surpreenda com a concisão e a limpidez do seu texto sobre os arawetéts. Ao falar dos cabelos dos índios, ele afirma, numa única frase precisa: “O cabelo é cortado em franja reta na testa até a altura das orelhas, de onde cresce até a nuca dos homens e a espádua das mulheres.” Esclarece depois, com sóbria elegância e destreza literária, uma afirmação que talvez pudesse parecer obscura: “Se toda roça foi, antes, mata, toda aldeia foi, antes, roça. Quando um grupo decide mudar-se para outro lugar, abre primeiro as roças de milho e se instala no meio delas. Com o passar do tempo e das safras, as plantações vão recuando, e resta uma aldeia.”

Os arawetéts já foram considerados os únicos índios de olhos verdes do Brasil (têm, na verdade, olhos castanho-claros). Também se propalou que eram índios que só falavam e pensavam em sexo. O sexo, sem dúvida, é muito importante para os arawetéts, assunto que os absorve e a respeito do qual o antropólogo carioca também escreveu.

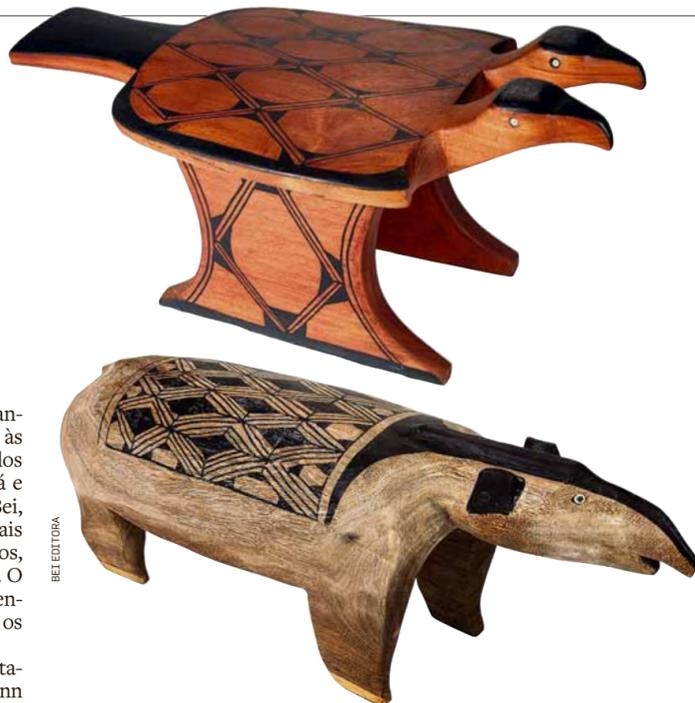
Os seus “jogos eróticos” são apresentados no livro, que destaca a curiosa lua de mel indígena. Ela envolve dois casais, formados por amigos (ter amigos é sinal de maturidade e força vital, e também de prestígio): “Dentro de alguns dias, nota-se uma associação frequente entre o recém-casado e um outro homem, bem como entre sua mulher e a mulher deste.” Assim está formado o “quarteto” tradicional, relação de amizade que culmina na troca de cônjuges temporariamente.

Porém, Viveiros de Castro alerta para o fato de que a “mutualidade sexual” não é um sistema de sexo grupal, mas sempre, e apenas, uma alternância. E explica: “O ciúme está por definição excluído dessa relação; ao contrário, ela é a única situação de extraconjugalidade sexual que envolve seu oposto, a cessão benevolente do cônjuge ao amigo.” De acordo com a biologia araweté, é “positivo, para a saúde de um bebê, que ele tenha sido formado por mais de um genitor. O número ideal parece ser de dois ou no máximo três; mais do que isso acarreta partos dolorosos, ou o bebê nasce com a pele manchada”, explica Viveiros de Castro, que ainda esclarece, ao falar das moças pré-púberes: “Sua liberdade sexual é considerável, bem como a capacidade de iniciativa nesses assuntos.”

Uma das passagens mais interessantes do ensaio, ao lado dos jogos eróticos, é a discussão sobre a “chefia” araweté, um povo individualista que já foi considerado “completamente acéfalo”, pois os moradores da aldeia tradicional defendem obstinadamente sua independência e se recusam a seguir os outros: “O líder araweté é, assim, o que começa, não o que comanda; é o que segue à frente, não o que fica no meio.” Ou seja, o líder (sempre temporário) é aquele “que decide onde e quando se vai fazer algo, e que sai na frente para fazê-lo”. Além dos líderes temporários, os arawetéts reconhecem também os “donos da aldeia”, expressão por meio da qual se referem ao casal ou casais “que primeiro abriram uma roça de milho no sítio de uma aldeia nova, à volta da qual se foram agregando outras roças e outras casas”.

Conviver com os arawetéts é fascinante, declara Viveiros de Castro quase na conclusão do seu longo ensaio, que se lê sempre com prazer. “Poucos grupos humanos, imagino, são de trato tão ameno e convívio tão agradável e divertido”, afirmação que os dois orientandos, em seus respectivos artigos, corroboram, 30 anos depois.

* É POETA, ENSAÍSTA E PROFESSOR DE LITERATURA NA UFSC. PUBLICOU, ENTRE OUTROS LIVROS, 'MAKUNAÍMA E JURUAPART'



BEI EDITORA



BANCOS INDÍGENAS DO BRASIL

AUTOR:
VÁRIOS COLABORADORES
EDITOR: BEI
(352 PÁGS.,
247 FOTOS, R\$ 90)
JÁ NAS LIVRARIAS

Zoomorfismo. Nos bancos que replicam formas de animais, exemplares são belas esculturas

mação e transporte para outros estados mentais ou espirituais.

Como na natureza não existem ângulos retos, explica a designer, as formas arredondadas dominam. O tamanho dos bancos difere conforme o prestígio do usuário – o que explica a singularidade daquele que é usado pelo xamã da tribo. Forma e função, segundo a curadora e crítica Giovanna Massoni, “adquirem sentido quando vinculadas aos usuários dos objetos”. Mais do que peças de inquestionável valor artístico, esse conjunto de bancos, diz ela, “nos conta a história desses povos indígenas e revela sua visão de mundo”.

Entre eles, a arqueóloga Cristina Barreto destaca os tucanos, etnia para a qual os bancos “não são só sua especialidade artesanal, mas um distintivo de identidade”. Eles integram o rol dos objetos que, segundo ela, resistem ao processo de industrialização – considerando ainda que a função utilitária não é o que impulsiona os indígenas à produção desses objetos.

Alguns deles, com o os iudjá, faziam bancos especialmente para o uso dos xamãs, que neles ascendiam ao mundo sobrenatural. No Alto Xingu, um banco zoomórfico, que usa como modelo uma ave de rapina, pode conduzir um xamã a um estado alterado. É um verdadeiro “meio de transporte” em meio ao transe. Não por acaso, explica a arqueóloga Cristina Barreto, “o desenho na superfície do banco, entre os desanas (da Amazônia), é chamado de pahmelin gohori, isto é, desenho de transformação”. As aves, pela capacidade de voar, estariam mais próximas do mundo sobrenatural, inspirando por esse motivo o desenho dos bancos dos xamãs. Muitos dos grafismos dos banquinhos do Xingu, conclui a arqueóloga, são os mesmos da pintura corporal usada nos rituais religiosos. Constituam, enfim, a síntese da visão cosmológica desses povos que, além de tudo, são grandes e inovadores artistas.